

TEXTOS PARA DISCUSSÃO

LabCit/Gedri

V. 1, n. 8, 2020
ISSN 2675-3308

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A REDE URBANA DE SANTA CATARINA

Rafael Matos Felácio

O Laboratório de Estudos sobre Circulação, Transporte e Logística – Labcit se constitui como espaço de interação entre pesquisadores, professores, estudantes e comunidade, oferecendo suporte para atividades de pesquisa, ensino e extensão. A origem do laboratório remete ao **Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Infraestruturas – Gedri**, constituído em 2005. O mesmo congrega pesquisadores de diferentes regiões do país. O grupo é certificado pelo CNPq desde 2005 e atualmente é sediado no Departamento de Geociências da Universidade do Federal de Santa Catarina (UFSC).

LABCIT/GEDRI
Departamento de Geociências
Bloco C do CFH, Sala 4
E-mail: labcit.gedri@gmail.com
Telefone: 048-3721-8594
Ramal: 8594



Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH
Departamento de Geociências – GCN
Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da UFSC
Laboratório de Estudos sobre Circulação, Transportes e Logística -
LABCIT
Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Infraestruturas -
GEDRI
Coordenador: Márcio Rogério Silveira

Site: <https://labcit.ufsc.br/>

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A REDE URBANA DE SANTA CATARINA

Textos
para
Discussão

Rafael Matos Felácio

Doutorando em Geografia Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo: O texto em questão objetiva apresentar de forma sucinta a literatura sobre a temática – rede urbana e as bases teóricas metodológicas. Será apresentado as concepções teóricas e conceituais dos estudos e metodologias buscando contextualizar com a realidade urbana do estado de Santa Catarina. Para tanto, na parte inicial do texto, foi feita uma breve caracterização da literatura, bem como suas contribuições teóricas, na última parte é dado ênfase nos estudos e caracterização da rede urbana de Santa Catarina. O resultado, portanto, é contribuir com um levantamento da literatura sobre tal temática nas variações escalares e apresentar uma sucinta caracterização da rede urbana de Santa Catarina e suas centralidades.

Palavras-chave: Cidades; Rede Urbana; Geografia; Geografia Urbana.

SOME CONSIDERATIONS ABOUT THE URBAN NETWORK OF SANTA CATARINA

Abstract: The text in question aims to briefly present the literature on the theme - urban network and the theoretical methodological bases. The theoretical and conceptual conceptions of studies and methodologies will be presented seeking to contextualize with the urban reality of the state of Santa Catarina. Therefore, in the initial part of the text, a brief characterization of the literature was made, as well as theoretical contributions, in the last part, emphasis is given to studies and characterization of the urban network of Santa Catarina. The result, therefore, is to contribute to a survey of the literature on this theme in the scalar variations and to present a succinct characterization of the urban network of Santa Catarina and its centralities.

Keywords: Cities; Urban Network; Geography; Urban Geography.

REDE URBANA: APONTAMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

Inicialmente é importante mencionar que os estudos sobre rede urbana têm se constituído em importante “tradição” no âmbito da Geografia. Conforme Corrêa (1994), tal importância deriva da consciência do significado que o processo de urbanização contemporânea passou a ter, sobretudo, a partir do século XIX. A rede urbana, que no mundo contemporâneo além de estar intrinsecamente ligado ao processo de urbanização, no qual forçou mudanças cruciais na sociedade do momento, pode ser vista como uma das mais variadas formas de materializar as etapas da produção capitalista globalizada. Corrêa (1994) elenca que a rede urbana passou a ser uma das formas das quais produção, distribuição, circulação e consumo se realizam efetivamente com fortes interações espaciais no mundo globalizado.

Nessa perspectiva, cabe mencionar que o desenvolvimento e estudos sobre o tema são hodiernos e têm sido abordados pelos geógrafos à luz de diferentes vias e seu debate tem suas raízes teóricas na matriz epistemológica da ciência Geográfica. Parafrazeando Corrêa (1994), sua origem iniciou-se pela complexa e heterogênea Geografia alemã, transitando entre os geógrafos denominados possibilistas franceses e percorrendo o campo teórico do planejamento urbano e regional via geógrafos britânicos. Ainda na linha histórica, é a partir de 1955 que ocorre o processo de difusão dos estudos sobre redes urbanas no campo da Geografia teórica e Geografia econômica, na qual o pensamento geográfico brasileiro entra com pioneiros estudos. Os mais importantes estudos dizem respeito à “diferenciação das cidades em termos de suas funções, dimensões básicas de variação, relações entre tamanho demográfico e desenvolvimento, hierarquia urbana, as relações entre cidade e região” (CORRÊA, 1994. p. 10).

O desenvolvimento histórico-teórico e conceitual sobre redes urbanas nos possibilita estudar uma especificidade da totalidade que se expressa no território, nesse caso, em sua configuração e dinâmica urbana de Santa Catarina. De início, esses apontamentos parte da concepção teórica-conceitual na qual compreende a rede urbana como um conjunto funcionalmente articulado de centros – cidades que se constituem na estrutura territorial, sendo possível, por meio da rede urbana, caracterizar a criação, apropriação e circulação do valor excedente.

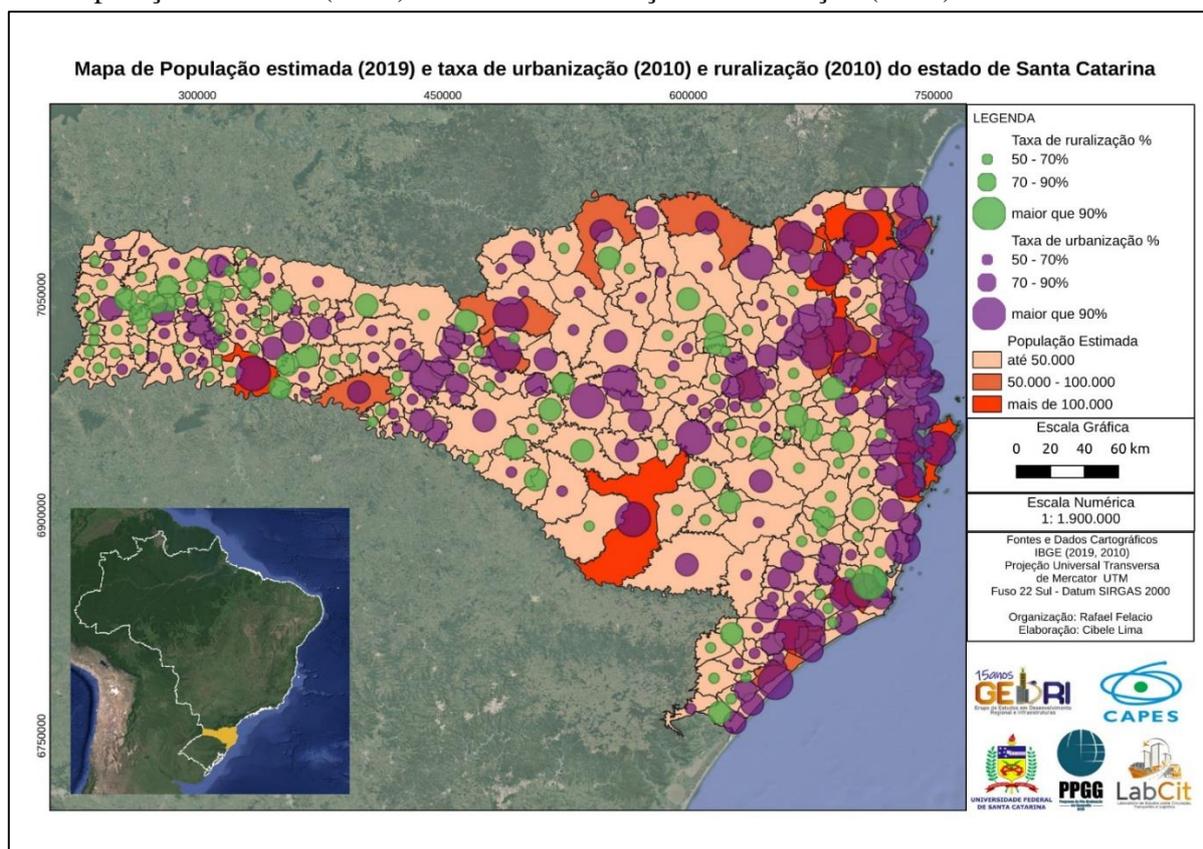
Isso posto, há de se considerar, portanto, de que a rede urbana é “produto” da estrutura territorial (material ou imaterial) – resultada da formação socioespacial e do estágio de desenvolvimento das forças produtivas. A rede urbana pode ser uma das formas de materialização da criação, apropriação e circulação do valor excedente, do movimento circulatório do capital que pode estar presente, ora na esfera da produção, ora em atividades diversas seja do (serviços, do comércio, da indústria ou do capital financeiro) – divisão produtiva do presente, como acumulação histórica, desigual e combinada, que por sua vez caracterizam os indicativos da configuração da rede urbana de Santa Catarina e sua dinâmica.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A REDE URBANA DE SANTA CATARINA

Nesse tópico objetiva-se caracterizar alguns elementos sobre a rede urbana de Santa Catarina. Para tanto, cabe elencar que as relações econômicas, sociais e políticas historicamente e dialeticamente articuladas na escala nacional, estadual e regional são centrais na formação dessa rede. Nesse sentido, será apresentado os centros urbanos no estado catarinense, pois “os centros urbanos como organismos funcionais inscritos num espaço maior e exterior, com o qual mantêm relações, têm sido cada vez mais objetos dos estudos de Geografia Urbana (CORRÊA, 1967, p. 93). Os geógrafos passaram a pesquisar a temática rede urbana com variados enfoques e vias, sendo que o que mais se destacava, eram o estudo sobre diferenciação das cidades levando em consideração suas funções; as relações entre demografia e desenvolvimento; a hierarquia urbana; as relações entre cidades e regiões, o que passa atualmente, pelas classificações funcionais das cidades de Santa Catarina.

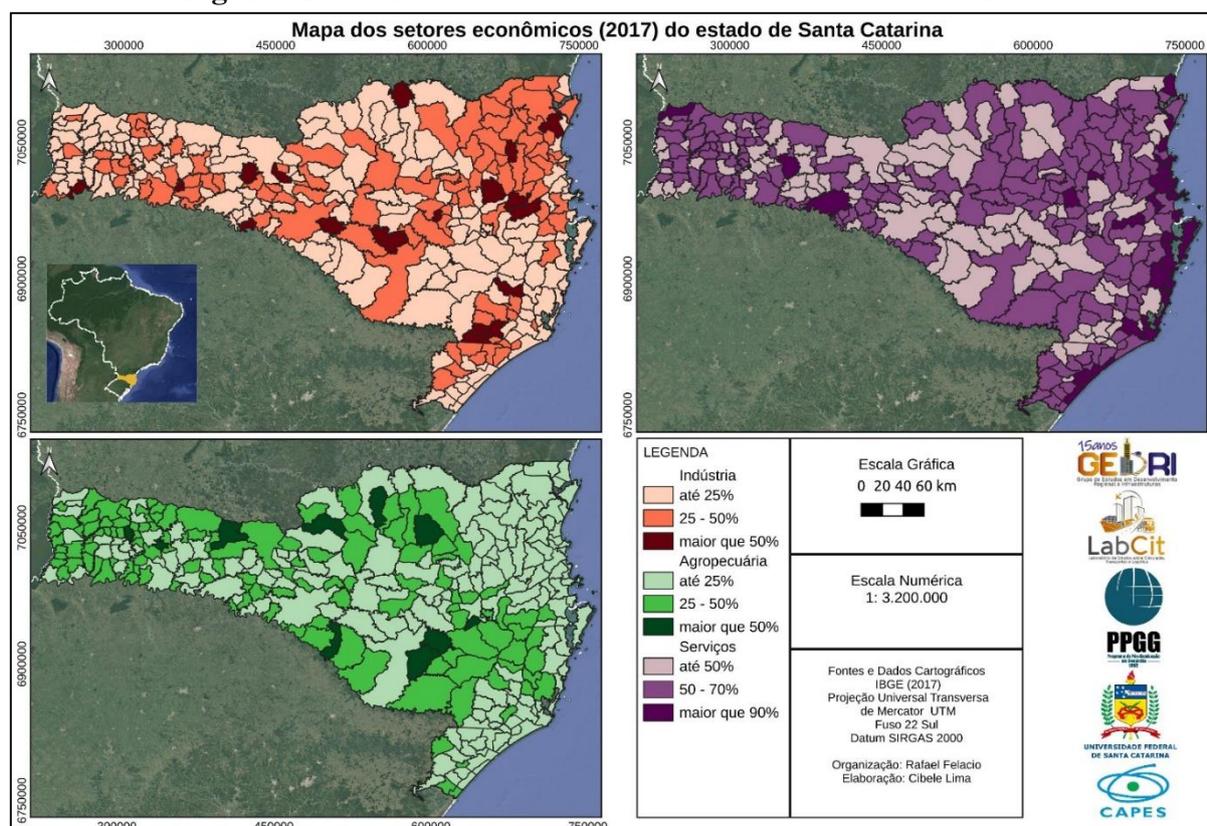
Por ora, cabe elencar que o estado catarinense tem atualmente 295 municípios e, segundo dados do IBGE (2020), possui 7.164.788 milhões de habitantes concentrando 39% da população basicamente em apenas 11 cidades, que são: Joinville, com 590.466 mil habitantes; Florianópolis, com 500.973 mil; Blumenau, com 357.199 mil; São José, com 246.586 mil; Itajaí, com 219.536 mil; Chapecó, com 220.367 mil; Criciúma, com 215.180; Palhoça, com 171.797 mil; Lages, com 157.544 mil; Balneário Camboriú, com 142.295 mil e Turbarão, com 105.686 mil habitantes. Dados esses presentes na (figura 01) na qual caracteriza a distribuição populacional no estado bem como a taxa de população urbana e rural

Figura 01: População estimada (2019) e taxa de urbanização e ruralização (2010) do estado de Santa Catarina



Diante desse contexto, em que basicamente 11 cidades desempenham papel significativo no espaço urbano e, por conseguinte na rede urbana de Santa Catarina, e que tais cidades são primordiais na realização do cotidiano de quase 40% da população catarinense e exercem centralidades regionais, predominando assim a maior dinamização econômica do estado – divisão territorial do trabalho (figura 02). O que implica dizer que na estrutura produtiva e funcional (cidades) do estado algumas cidades cumprem o “poder” de centralidade na **produção** industrial e agrária; **distribuição** de mercadorias; **circulação** de pessoas e informação; **consumo** com ênfase nos serviços.

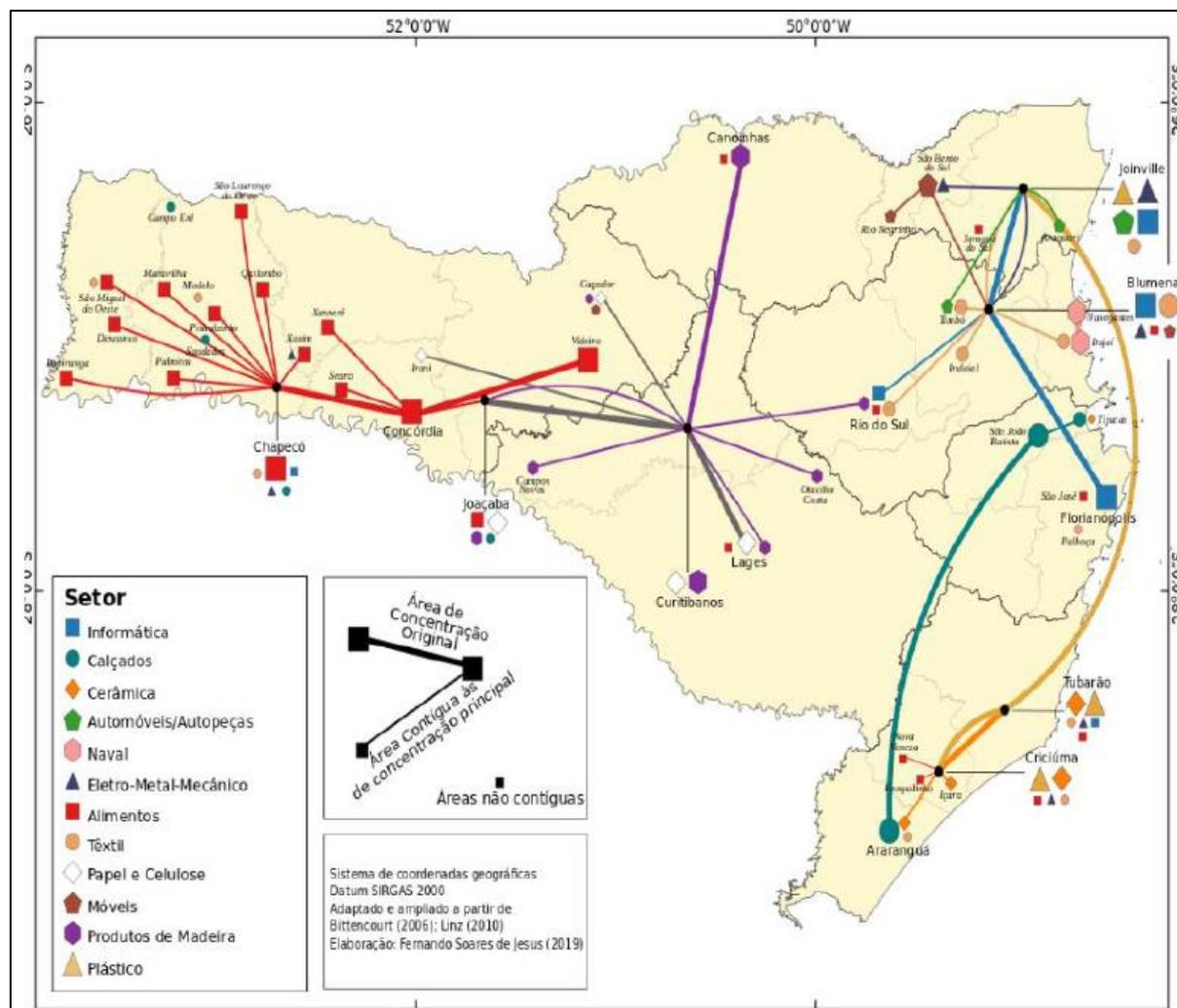
Figura 02: Setores econômicos do estado de Santa Catarina - 2017



Cabe elencar que as atividades produtivas no estado, historicamente se desenvolveram regionalmente e caracterizam-se de forma especializada. Cario e Fernandez (2010, p. 201), elencam que a organização industrial do estado pode ser vista “sob o prisma de aglomerações urbanas”. Em 2010, a maior parte dos estabelecimentos industriais estava localizada nas mesorregiões do Vale do Itajaí, Norte e Sul catarinenses, perfazendo 70,3% (CARIO; FERNANDEZ, 2010). Contudo, duas características são marcantes na distribuição territorial das atividades produtivas e conforme a distribuição dos setores econômicos (figura 02) podemos elencar algumas cidades como primordial atuação na rede urbana de Santa Catarina e na centralidade regional, exemplos: Chapecó, Criciúma, Florianópolis, Blumenau, Itajaí, Joinville e Lages. Essas e outras cidades exercem influência direta na organização urbana – rede urbana. Conforme Lins (2005), Cario e

Fernandes (2010), apresenta-se os setores produtivos com suas respectivas áreas de concentração e as suas áreas contíguas e não contíguas, conforme representação da (figura 3).

Figura 03: Atividades industriais e configuração territorial das estruturas industriais no estado de Santa Catarina – 2010



Fonte: Elaborado a partir de Lins (2005); Cario e Fernandez (2010). Citado por: Espíndola, (2020).

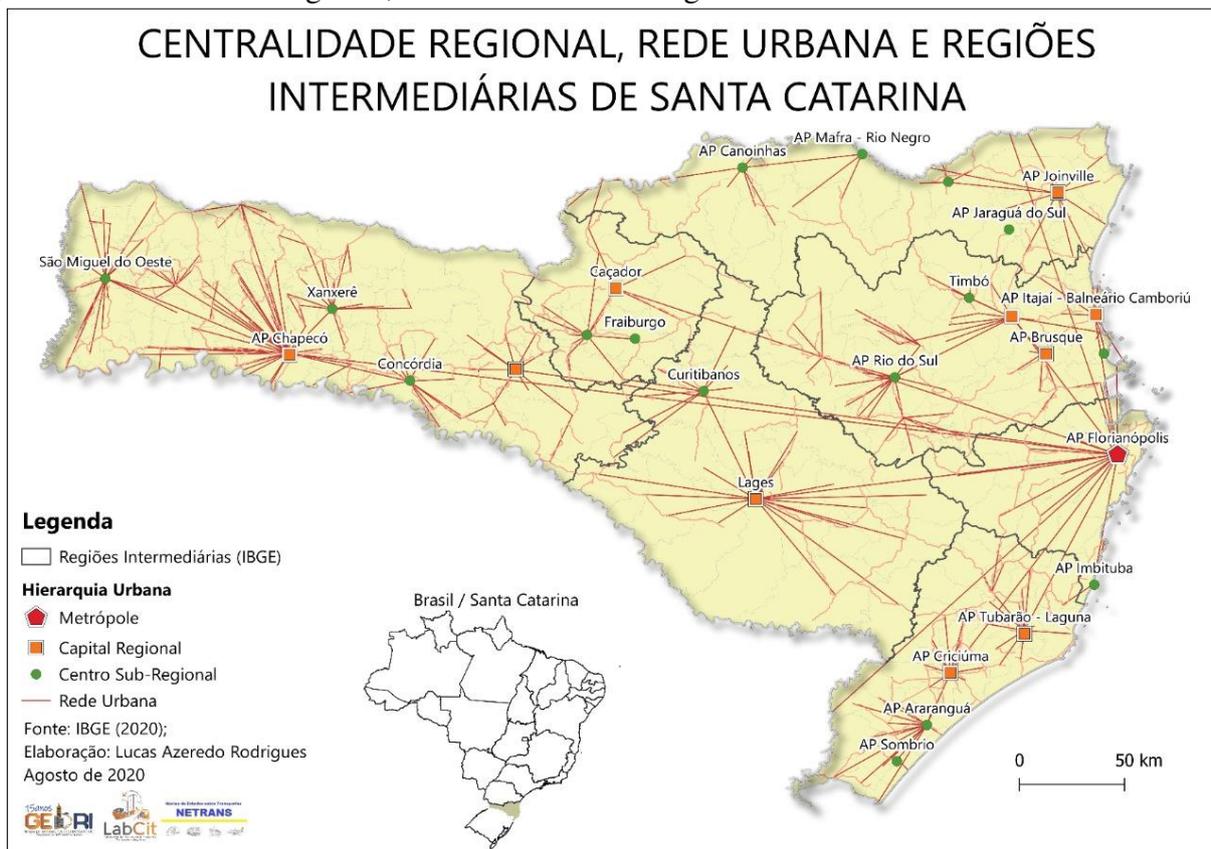
Nesse sentido, diante da caracterização sobre a organização produtiva e o papel central que algumas cidades apresentam, cabe elencar que Corrêa (1994) menciona à existência das diferenças entre as cidades no que se refere às suas funções, e que o conhecimento dessa diferenciação é relevante para a compreensão da organização espacial¹, para a qual a divisão territorial do trabalho é umas das mais expressivas características. Nessa esteira conceitual e temporal o termo classificação funcional das cidades, segue critérios, ora político,

¹ De acordo com Corrêa (1986, p. 19) foi no Pós-Segunda Guerra Mundial que se desenvolve o conceito de organização espacial, herdada basicamente da Geografia Crítica entendido como padrão espacial resultante de decisões locais, privilegiando as formas e os movimentos sociais sobre a superfície da Terra (interação espacial). No Brasil, ainda conforme Corrêa (1986) o conceito de organização espacial foi trabalho por Milton Santos, a partir de 1978, era algo classificado como instância da sociedade e por Antônio Carlos Roberto de Moraes e Wanderley Messias da Costa, a partir de 1984.

ora econômico e ou cultural, entre outros que permitam tal classificação das cidades em cidades funcionais, tais como: cidades de administração, defesa, cultura, produção, coleta transferência, distribuição e recreação.

Seguindo essa esteira conceitual será dado destaque para o estudo sobre as Regiões de Influência das Cidades (REGIC, 2018) no qual identifica e analisa a rede urbana fazendo uma relação hierárquica dos centros urbanos e as regiões de influência das cidades, que mostra a forma pela qual as cidades se relacionam “entre si, através do deslocamento de pessoas em busca de bens e serviços, bem como pelas ligações entre sedes e filiais de empresas e instituições públicas multilocalizadas. Portanto, podemos entender a rede urbana de Santa Catarina conforme a centralidade que cada cidade ocupa, seja pelo número de pessoas; tamanho e a distribuição dos núcleos de povoamento, que podem variar, mas que todos são considerados localidades dotadas de funções centrais que, guardadas as suas proporções e escalas de atuação, se complementam regionalmente ou exerce sua influência regional, sendo que a centralidade (figura 04) de cada núcleo tem como premissa o grau de importância que terá a partir das suas funções centrais.

Figura 04: Centralidade regional, rede urbana com as regiões intermediárias de Santa Catarina - 2018

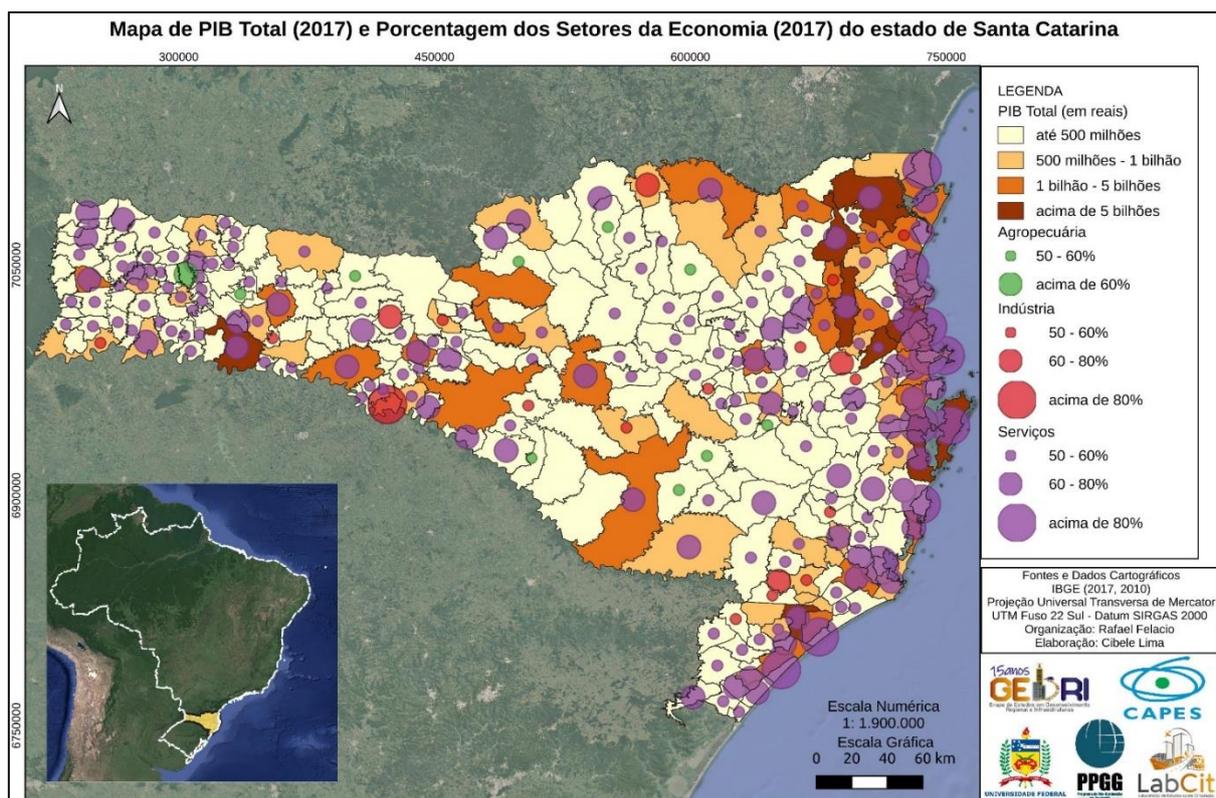


Corrêa (2006) vai caracterizar, portanto, que a rede urbana é uma das, se não a mais, expressiva forma de expressão das redes geográficas, essas que são produtos do modo de produção que “seleciona” determinados locais para os mais variados investimentos que, em certa medida, são definidos de acordo com a lógica e perspectiva da organização espacial. Dessa forma, cada centro ou centralidade dessa rede urbana, com menor ou maior participação no processo global de produção, participa de um ou mais circuito da

produção – atuando primordialmente na produção, distribuição ou consumo de bens, serviços e informações que se efetivam e constituem a(s) rede(s) urbana(s). Trata-se, aqui, de uma perspectiva escalar diante da construção das hierarquias, ora menos e ora mais fluidas.

A premissa aqui, portanto, é de que a rede urbana é um fenômeno a posteriori do estágio de desenvolvimento (forças produtivas) no qual determinada sociedade está. Dito de outra forma, mudanças nas forças produtivas, conseqüentemente ocasionará mudanças na rede urbana, sendo que, o papel das forças produtivas atuantes e formadoras de uma certa divisão territorial do trabalho produzirá interações espaciais criadoras e geradores de (redes, circulação da produção). Isso quer dizer que, as tipologias das redes, a centralidades e hierarquia urbana – expressa via rede urbana, são consequência das formas de interações espaciais que a própria lógica produtiva do capitalismo expresso e caracterizado aqui a partir do PIB e porcentagem dos setores econômicos (figura 05) – divisão territorial do trabalho, impõe sobre o território catarinense em estágios de desenvolvimento desigual, porém combinado.

Figura 05: PIB total e porcentagem dos setores econômicos do estado de Santa Catarina – 2017.



A partir do mapeamento das atividades agropecuária, industrial e de serviços, pode-se inferir que a formação socioespacial gerou uma divisão territorial do trabalho e, por conseguinte a etapas de (produção, distribuição, circulação e consumo) são elementos atuantes diretamente na formação da rede urbana de Santa Catarina. O que implica dizer, que o processo de formação, configuração e dinâmica da rede urbana de Santa Catarina são consequências da acumulação desigual das forças produtivas que geraram desequilíbrios

regionais, o que por sua vez, criou-se estágios distintos de desenvolvimento também das infraestruturas (transportes e comunicação) responsáveis pelo movimento circulatório do capital. Dessa forma, utilizando-se das atividades econômicas que apresentam maior importância é possível apontar as cidades centrais e a rede urbana no espaço urbano catarinense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, falar em rede urbana ou em redes geográficas, há que se considerar a divisão territorial do trabalho, as etapas da produção, da circulação, do consumo, o papel que a comunicação, o setor do comércio e serviços que atuam na formação e dentro desta rede. Sobretudo, cabe destacar que não é possível falar em rede urbana sem levar em consideração as formas de interações espaciais presente sobre o território aqui estudado. Portanto, falar em centralidades urbanas, passa necessariamente pelo o papel que esse centro desempenha em algumas das etapas do capitalismo, de tal modo que o processo de desenvolvimento do capitalismo e sua reprodução produz uma configuração espacial, que nesse caso, pode ser expressa via rede urbana.

De forma que definir qual rede urbana existe atualmente em Santa Catarina sua configuração e hierarquia urbana é algo que passa pela análise dos fluxos e quais tipos, além da sua intensidade sobre o território. Fluxos esses possíveis de ser mensurado a partir das formas e do papel que as interações espaciais desempenham sobre o território e na formação da rede urbana catarinense. De sorte que caracterizar à hierarquia urbana, é caracterizar o papel e importância que as formas de concentração espacial urbana, a integração e fragmentação territorial e interação espacial (ou demanda por mobilidade e conexões), quais caracterizam os fluxos entre pontos fixos situados em distintas localizações em uma cidade ou em cidades diferentes.

Por fim, o que se pode inferir até o momento é que os elementos constituintes do movimento circulatório do capital (produção, distribuição, circulação e consumo) e seu processo de evolução atuaram e atuam diretamente na organização territorial de Santa Catarina e, por conseguinte, na formação e configuração da rede urbana que passam necessariamente pelo processo de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção e pelas formas de interações espaciais geradoras de centralidades e de hierarquias urbanas no estado catarinense. Assim sendo, cabe destacar e ponderar que não é possível estudar o processo de formação da rede urbana de Santa Catarina sem que façamos um panorama da formação socioespacial, primordialmente, utilizando tal processo de formação como possibilidade metodológica para caracterizar a configuração e dinâmica da rede urbana catarinense e suas formas de interações espaciais.

A partir da presente discussão é possível afirmar que cada centro ou centralidade de uma rede urbana, seja com menor ou maior participação no processo de produção capitalista irão participar de um ou mais circuito da produção – primordialmente na produção, distribuição ou consumo de bens, serviços e informações que se efetivam e constituem a(s) rede(s) urbana(s) diante da construção das hierarquias, ora menos e ora mais

fluidas, que passam necessariamente pelas especializações dos sistemas técnicos e das formas de interações espaciais.

REFERÊNCIAS

CARIO, Silvio. A. F.; FERNANDES, R. L. Indústria em Santa Catarina: processo de desindustrialização relativa e perda de dinamismo setorial. In: MATTEI, Lauro.; LINS, Hoyedo. N. (Org.) **A Socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**, Chapecó: Argos 2010. p.197-247.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. Rio de Janeiro: Ática, 1994.

CORRÊA, R. L. **Estudos Sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 336 p.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

ESPÍNDOLA, Carlos José. Configurações socioespaciais das estruturas produtivas catarinenses pós-2000. **Entre Lugar**, Dourado, v. 11, n. 21, p. 159-182, 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Centro de Documentação e Disseminação de Informações Base de informações do Censo Demográfico 2010: resultados da Sinopse por setor censitário. Rio de Janeiro 2011.

IBGE. <https://cidades.ibge.gov.br/> <acessado em agosto de 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Regiões de Influência das Cidades – REGIC. Disponível em <Acesso em agosto de 2020.

LINS, H. N. Dinâmica produtiva e capacidade de produção de valor agregado. In: CARIO, S. A. F. et al. (Coords). Programa estratégico de desenvolvimento com base na inovação. Florianópolis: UFSC e Governo do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC. v III, 2005, p. 566-572.

Como citar:

FELÁCIO, R. M. Algumas considerações sobre a rede urbana de Santa Catarina. **Textos para Discussão**.

Florianópolis, v.1, n.8, 2020.